

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 501	Assignaturas	PÚBLICA-SE AOS DOMINGOS	Publicações	6.º Anno
	AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO		No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS	

A GRANDE BURLA

O sr. João Franco, ao mesmo tempo que condemnava o systema eleitoral creado por elle proprio para engrandecimento do poder real, ao mesmo tempo que lamentava a ausencia dos deputados republicanos da camara d'onde elle mesmo os expulsou, confessava a sua profunda dedicação não já á monarchia mas ao proprio rei.

E' esta a grande burla dos monarchicos em geral, e dos franquistas em especial. Burla contra a qual devem estar prevenidos, e contra a qual devem ser intransigentes, todos aquelles que amam sinceramente a liberdade.

Não faltam democratas a proclamar que não teriam duvida em tolerar o sr. João Franco, se elle começasse pela confissão leal e sincera dos erros que commetteu. Nem assim seria decoroso tolera-lo. E nem assim, porque o sr. João Franco não commetteu erros, o sr. João Franco commetteu crimes.

Toda a gente se esquece de fazer esta differença. Ora para o crime não basta o arrependimento. Não se contenta com isso a sociedade. Não é essa, ainda, a moral do nosso tempo, e não sabemos se o será de tempo algum. Além do arrependimento exige-se o castigo. E exigir-se ha eternamente. O que o tempo ha de modificar será a natureza do castigo. Mas nunca a consciencia humana aceitará o mau como aceitará o bom, o justo como o injusto, o culpado como o innocente. Nunca! E, sobretudo, não dará jámais—tanto menos quanto mais perfeita ella fôr—preferencia ao criminoso.

O sr. João Franco não commetteu erros. Commetteu crimes! Todos se esquecem d'isto na perturbação continua do criterio nacional. Crimes espantosos, d'aquelles que uma sociedade moralisada e culta não poderia esquecer e muito menos perdoar.

E eis porque nós, que detestamos a apostasia em todas as circumstancias e em todos os partidos, a detestamos mórmente n'aquelles que do campo democratico desertaram para o campo do franquismo. Considerámo-los sempre, a esses, os ultimos dos pulhas. E eis porque, combatendo sem descanço os chefes monarchicos que se nos apresentam sem sinceridade, combatemos João Franco com particular antipathia.

No proprio instante em que João Franco clamava na camara a favor da liberdade, era preso no Porto o sr. Vieira Mendes, em circumstancias particularmente infames, resultantes da lei mais infame que se tem publicado em

Portugal. E o auctor d'essa lei era João Franco.

A lei de 13 de fevereiro não é um erro. E' uma grandissima infamia! A lei eleitoral de que surgiu o solar dos barrigas não foi um erro. Foi um monstruoso attentado! Esses e outros attentados commetteu-os João Franco com plena consciencia e revoltante premeditação. Commetteu-os no seguimento d'um plano odioso, qual era o de afogar todas as liberdades, o de esmagar todas as regalias populares em favor da vontade do rei e das prerogativas da corôa.

Pois quê? Pois havia de bastar, depois d'isso, que João Franco se declarasse liberal, e arrependido, para que o paiz o recebesse de braços abertos?

E' preciso pôr termo definitivo, especialmente no partido republicano, a essa candura idiota. E' tempo dos republicanos largarem a ingenuidade lorpa, que tem sido alvo da troça de todos os quadrilheiros sem vergonha.

O facto de João Franco se confessar arrependido não seria motivo para o investir de novo na posse do poder, como chefe d'um partido com *character nacional*. Essa ignominia não teria justificação alguma na historia. Seria, quando muito, motivo para o deixar no esquecimento, na humildade, no desprezo, em vez de o metter na Penitenciaria.

Porque outro grande desvario é julgar mais merecedores da Penitenciaria os estadistas que roubam os cofres publicos do que os estadistas que roubam a liberdade. Outro grande, outro enorme desvario. Todo aquelle que rouba a liberdade, rouba os cofres publicos. Mas não rouba a liberdade o que rouba os cofres publicos. Basta este simples, elementar, e tão justo raciocinio, para fazer cahir a aureola de *homem honesto* com que todos os paspalhões indigenas decoram o dictador do Alcaide.

Um povo sem liberdade, um povo sem direitos, é um povo roubado. O maior ladrão dos seus bens é o que attenta contra as suas regalias. E assim foi que as delapidações, que os abusos, que os grandes roubos cresceram em Portugal com a falta de liberdade de reunião, com a falta de liberdade de voto. Isto é, com a falta de fiscalisação.

Que nos importa a nós que João Franco seja incapaz, pessoalmente, de roubar dez réis ao Estado? Isso é o menos. O que nos importa é elle ter creado o meio corrupto que permite todos os roubos. E' ter iniciado a escola dos grandes ladrões. E' ter dado origem a legiões de salteadores.

Foi elle! Elle, que matou a

liberdade para firmar em bases solidas o arbitrio, o poder pessoal, o absolutismo!

Esse puro, esse messias, esse reformador, que ousa erguer-se ahi em nome da moralidade publica, é o maior criminoso d'esta terra. Ninguem, como elle, nos deixou a bolsa em perigo. E não bastando isso, deixou a nossa segurança, a nossa liberdade, aquilo que ha de mais caro para o homem, que elle muito mais aprecia do que o cinheiro, á mercê de todas as contingencias, e de todos os caprichos de tyrannetes ignobeis.

Se alguém merece a Penitenciaria em Portugal, se alguém merece o candieiro, esse alguém é João Franco. Todavia, oh farça! João Franco é uma esperança nacional. Até de muitos que se dizem republicanos!

Oh farça!

Mas temos vinlo até aqui partindo da hypohese de João Franco poder sei um arrependido. Tal facto, porém, não se dá, o que agrava, sbremodo, a situação. João Franco não é um arrependido. Oh não, não. Nunca se deu como al. Pelo contrario, João Franco é um contumaz. E é um contunaz, porque se é dedicado ao paiz também é dedicado ao rei. Gra, vejamos nitido, hoje, em Portugal, quem é dedicado ao rei é dedicado ao rei, e nada mais.

E nada mais. Deixemos tdos os farçantes politicos proclamar amôr á liberdade e amôr a paiz. Isso é só na opposição. E' das praxes amar a liberdade e defender a liberdade quando se está na opposição. No pder, adeus liberdade que já tão quero bem. A liberdade em Portugal só é compativel com a opposição. Mas, mesmo que se tenha amôr á liberdade e a paiz, o amôr do rei prefere a tuo. Ama-se o rei? Adeus Marci que eu vou morrer!

E' outro fructo da abominavel politica do dictador do Alcaide. Muitos froses deve a patria e a liberdade a esse sancto varão!

D'antes, nerum ministro de Estado falava o *seu Rei*, nem com r pequeno quanto mais com R grande. Falai-se na *corôa*, um impessoalismo, m symbolo constitucional. Ha as o sr. Alpoim, discursando sobre o caso do seminario de Brañça, falou umas poucas de vezeno *seu Rei*, com R grande.

Quer dizer, s ministros,—ja Hintze o tinhaicto sem rebuço na camara do pares—são lacaios, antes de serem ministros.

Ora, os lacas servem o patrão unicamente. De fórma que não ha burla qual a essa d'um

chefe monarchico, como João Franco, proclamar, se fôr poder, a regeneração do paiz, e não ha idiota que se possa egualar á d'aquelles que sinceramente o ouçam.

Lacaios, sómente.

E João Franco, o engrandecedor do poder real por excellencia, o lacaiio mór d'este paiz.

Bernardino Machado

Realisou-se no Porto, no *Centro Democratico de Instrucção*, uma nova conferencia do sr. Bernardino Machado, onde o illustre professor, tomando por thema *A Psychologia da Reacção*, mais uma vez patenteou os recursos do seu poderoso talento.

A obrigação imperiosa de tratar hoje assumptos inadiaveis forçá-nos a não publicar n'este numero, contra o nosso desejo, o extracto d'essa notavel conferencia.

CAPITÃO HOMEM CHRISTO

"PRO PATRIA,"

Embora não fosse ainda posto á venda, como esperavamos, o livro do sr. Homem Christo, já na sexta-feira foram expedidos a todos os assignantes d'este periodico os exemplares que até esse dia haviam reclamado.

Tivemos com elles essa deferencia, por tantos titulos merecida, e que devemos, por nosso lado, á gentileza do editor.

Só amanhã, segunda-feira, ou terça, será posto á venda em todas as livrarias do paiz.

O que é o livro, di-lo-hão, definitivamente, os leitores. Mas estamos certos de que ninguem nos deixará em exaggero ou erro por lhe havermos chamado um livro eminentemente patriótico, eminentemente nacional, um livro educador por excellencia. E, diremos agora, eminentemente democratico. Tem esse altissimo valor. E', como n'elle diz o sr. Homem Christo, um livro que exprime verdade e que exprime trabalho.

Dizendo-se isto, n'este paiz futil, n'este paiz de preguiça e de mentira, tem-se feito o grande elogio do livro.

Não conhecemos elogio maior do que esse.

Do sr. governador civil do districto recebemos a copia d'um telegramma que sua ex.ª acaba de receber do sr. ministro reino.

E' do theor seguinte:

Ao sr. governador civil de Aveiro

E' completamente destituído de fundamento o boato de quaesquer noticias propaladas no sentido de que o governo abandona a proposta de lei sobre o contracto dos tabacos.

Queira dar as instrucções necessarias para que taes noticias não circulem sem completo desmentido. (Assignado.)—Ministro do Reino.

Cartas d'Algures

12 DE MAIO.

Acaba de se descobrir que teem sido falsificadas a maior parte das peças de panno fornecidas ao exercito.

Entretidos nas suas questiuiculas e no jogo dos seus interesses, os periodicos pouca attenção prestaram ao assumpto. Elle, comtudo, é da mais alta importancia, quer sob o ponto de vista social, quer sob o ponto de vista moral.

Em primeiro logar, fica mais uma vez demonstrado que o criminoso proteccionismo, em vigor ha muitos annos, em vez de conseguir moralisar a nossa industria só conseguiu fazer-lhe crescer o espirito da vil ganancia.

Em segundo logar, o facto põe em relevo uma tremenda iniquidade para a qual não ha palavras de indignação.

Os artigos de vestuario das praças de pret do exercito teem duração minima determinada. Uma jaqueta, por exemplo, e uns calções não podem durar menos que um anno. Esta duração, como é facil de ver, é fixada em virtude d'uma certa e determinada resistencia, que se suppõe no panno com que os artigos são manufacturados. Resistencia em harmonia com as condições do concurso e da adjudicação. E para ver se o panno satisfaz a essas condições existe uma commissão de lanificios no ministerio da guerra, que examina os tecidos sempre que chegam das fabricas para serem distribuidos pelo exercito, marcando com um carimbo especial as peças approvadas.

Ora descobre-se agora que as marcas applicadas á maior parte das peças são falsas. A respectiva commissão não examinou essas peças,—de tecido inferior por conseguinte, d'outra fórma não tinham os fornecedores interesse em as subtrahir á fiscalisação, e não podendo dar aos artigos a duração que a lei determinava.

Que essa falsificação dura ha muitos annos vê-se do facto de todas as praças de pret passarem, ha muitos annos, á reserva com divida, ao contrario do que d'antes succedia, que passavam com credito. Falsificação feita por varios modos. Agora era na chancellia. Mas outras vezes tem sido feita por outros processos.

O que succede, porém, ao soldado, cujos artigos de fardamento se arruinam antes do tempo de duração? Aqui é que está a maior gravidade do caso. O que lhe succede é isto: passa a maximo desconto e é castigado disciplinamente. Se nem sempre soffre este castigo, está sujeito a soffre-lo. Fica isso ao arbitrio dos superiores, pois que um dos deveres do *Regulamento disciplinar* é não arruinar os artigos do uniforme. E tem-o soffrido muitas vezes.

Pergunta-se: quem indemnisa esses desgraçados? Passar ao maximo desconto é passar a ganhar dez réis por dia. Milhares e milhares de soldados do exercito portuguez teem andado a ganhar dez réis por dia, e a soffrer castigos, para engordar uma das muitas quadrilhas que abundam em terra portugueza. Ao passo que os quadrilheiros faziam fortunas collossaes, ao passo que se tornavam millionarios, os pobres soldados tinham de prover

O CONVENTO DAS CARMELITAS

E OS

REACCIONARIOS DE AVEIRO

A todas as suas necessidades com a miseravel quantia de dez réis diarios. Tinham de fazer das tripas coração. E quando não eram castigados pela simples circumstancia dos artigos do seu uniforme durarem menos do que deveriam durar se fossem de bom panno, eram castigados por uma das muitas consequencias d'esse facto desgraçado, pois que se já é difficil satisfazer ás exigencias do regulamento, que é cego, com um vintem, muito mais o é com dez réis diarios.

Quem indemnisa os desgraçados? E que attitudé tomam perante isso os officiaes, que lamentam que os seus magros ordenados não cheguem para as difficuldades da vida que os assobrbam?

O remedio é pedir augmento de vencimentos? Não. O remedio é pôr termo definitivo a todas as ladroerias, a todas as infamias. No dia em que isso succeder, diminuirão notavelmente as difficuldades que cercam não só os officiaes como todos os cidadãos portuguezes, sem o odioso que recahiria agora sobre a officialidade do exercito, se, lembrando-se de si, se esquecesse dos outros completamente, a começar no misero soldado.

Bem sabemos que não conseguiremos, com estas palavras, despertar a attenção das magnanimas folhas democraticas, como já n'outro dia aconteceu com o artigo do Povo de Aveiro. Principalmente dos diarios, dos excelsos diarios republicanos, muito preocupados com altos problemas sociaes. Nem por isso é menos verdade que se vem commettendo no exercito, ha muitos annos, um roubo espantoso, revestido das mais odiosas circumstancias. Tem sido roubada a fazenda nacional, que paga as dividas dos soldados, se ellas não estão solvidas quando elles passam á reserva; tem sido roabado o soldado, que fica ganhando dez réis em vez de ganhar um vintem; e foram amarrados a essa infamia como cumplices, embora cumplices inconscientes, os officiaes, obrigados a propôr e votar o maximo desconto e a castigar os soldados por arruinaem os artigos de vestuario, fabricados com fazendas falsificadas como agora se prova, antes do tempo legal de duração.

Centenares de contos tem sido roubados d'essa fórma. Ouçam bem: centenares de contos. E os ladrões, os grandes ladrões, ficarão impunes. Este é o caso!

Seria agora uma bella occasião dos officiaes do exercito imporem a sua vontade. Desde que os ladrões tiveram a audacia de os tornar instrumento da vilissima roubaheira, seria um dever moral que elles usassem de toda a sua força para que os ladrões fossem severamente castigados. A sua indignação seria mais do que legitima: seria um acto imperioso de decoro pessoal e de decoro publico. Acatava-se, respeitava-se, applaudia-se, porque se impunha. Era um acto de justiça e um acto de honra.

O que farão?

Nada. Pois então quando se procede assim perdeu-se a auctoridade toda para imposições de interesse meramente pessoal.

Não se pôde contestar esta verdade.

Não bastava ficar impune a ladroeria infrene praticada em todos os ramos da administração publica. Ainda agora ficará impune um roubo infame, atirado, como um sarcasmo, á face da classe militar, a mais poderosa da nação!

Á que isto chegou!
Quanto isto desceu!

A. B.

O christianismo e Jesus.— O Espirito Democratico.

Ainda hoje não podemos concluir o primeiro d'estes artigos, e continuar os segundos.

Ah! Como o Povo de Aveiro é pequeno para tantos assumptos que nos assobrbam!

Os leitores que nos desculpem. Estejam certos de que não deixaremos de dar a conclusão dos artigos O christianismo e Jesus, nem de continuar os artigos O Espirito Democratico.

Como não são artigos d'ocasião podem esperar, para dar lugar a outros que se não podem adiar.

Informam-nos de que Mattoso, o Grão Lama dos raymundos, continúa a afirmar a todo o mundo, em Lisboa, que ou o convento das Carmelitas ha de ficar intacto ou elle ha de deixar de ser Mattoso.

E já o seu alter ego, o seu tenente, o seu representante em Aveiro, o campeão da causa na localidade, o mais legitimo e autentico dos raymundos, repete, altisonante: «Ou eu hei de deixar de ser Papa-Sellos ou o convento das Carmelitas ha de ficar de pé».

Ah, não! Lá deixar de ser Papa-Sellos, não deixa. Poderá ficar o convento de pé. Mas o Papa-Sellos não deixará de ser Papa-Sellos em caso algum.

Poderá ficar o convento em pé. Mas se ficar, ha de ficar como um monumento de ignominia, como um padrão de vergonha, como um pelourinho. Pelourinho onde se ha de inscrever por baixo do nome de Raymundo de Lencastre, o infamissimo bandido, o nome dos que se sentem honrados evocando a sua memoria, o nome dos que se sentem fidalgos com a sua tradição, o nome dos que se sentem gloriosos com a sua descendencia. O nome de Mattoso, o Grão Lama dos raymundos. O nome do Papa-Sellos, o chanceller e porta-bandeira dos raymundos. O nome do Domingos, o marechal dos raymundos. E o nome do Chiça, o chronista e o prégador dos raymundos.

Os nomes d'esses, pelo menos. Diz-se que o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto está na intenção de executar a parte restante do plano da Avenida, mesmo que o convento fique intacto. Muito bem. Applaudimos calorosamente. Fica allí aquelle nojo. Fica allí aquella monstruosidade. A attestar o quê?

Que no anno de 1659 um ladrão, um vil traidor, um miseravel sem o mais infimo pudor, atraiçoou a sua patria no mesmo instante em que fundava aquella casa. E que no anno de 1905, outros traidores, traidores aos interesses da sua terra, traidores aos interesses da liberdade, conservaram a mesma casa em honra da memoria hedionda de Raymundo de Lencastre.

Muito bem, muito bem, sr. Gustavo. V.ª ex.ª fica vingado.

Ponha em relevo esse nojo. Torne bem visível essa monstruosidade. Ou, por outra, eleve um monumento, já que os miseraveis querem que o convento seja um monumento. Eleve um monumento! Mas que seja então um monumento de infamia e um monumento de castigo. Um pelourinho!

Um pelourinho, sim. Sim, um pelourinho. Mas um pelourinho que não amarre, já agora, só o Grão Lama dos raymundos, só o Papa-Sellos, só o marechal de Liliput, só o Bicheza e só o Chiça. Um pelourinho que deixe coberta de opprobrio a cidade toda.

Vamos, sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto. Vamos. Faça essa obra de vingança, sem deixar de ser ao mesmo tempo uma grande obra de justiça. Mais de justiça, muito mais que de vingança.

Faz depois de amanhã 76 annos que Aveiro fulgurou mais uma vez na historia, coberta de gloria. Foi na manhã de 16 de maio de 1828. Quem se lembra ahi? Quem se lembra ahi, na terra onde um pulha, um salafriano, um bandalho, sem nada que o recomende, sem nada que o justifique, sem nada que lhe attene a infamia, um bandalho como homem, um bandalho como fazedor de artigelhos reles, todos os sabbados cospe impune a liberdade e todos os sabbados, impune, escarnece os liberaes?

Quem se lembra ahi?
Foi na manhã de 16 de maio de 1828. O desembargador Joaquim

José de Queiroz, fundador d'essa dynastia de homens de talento de que sahio o primeiro romancista portuguez, levantava no Largo da Cadeia o grito de guerra do partido liberal. O batalhão de caçadores 10, minado por um homem de grande coração, um fidalgo de linhagem, João de Souza, membro de outra familia que fez honra a esta terra, insubornava-se contra o despotismo. Os antigos e os vivas de liberdade troaram os ares. A gloriosa conspiração aqui urdida, o trama aqui preparado, alastrou-se rapidamente no paiz. Porque Aveiro não teve simplesmente a gloria de ser a primeira terra portugueza que se ergueu em armas contra o despotismo. A sua gloria foi mais longe. Aveiro urdiu a conspiração. Aveiro foi a inspiração, o pensamento e a execução d'esse movimento. Atraz d'ella, incitados por ella e obedecendo ás instrucções secretas que d'ella partiram, revoltou-se o Porto, Penafiel, Braga, Ponté do Lima, Vianna, Valença, Vizeu e Coimbra.

Conta Soriano que foram os officiaes de caçadores 10, quasi todos de Aveiro, que aliciaram os officiaes de caçadores 3 e 7, de cavallaria 11 e de infantaria 4. Conta mais que foi o desembargador Joaquim José de Queiroz quem, logo que D. Miguel dissolveu a camara dos deputados, propôz na loja maçonica de Aveiro coligar os commandantes e officiaes de varios corpos do exercito. Conta que foi elle que fez expedir, da mesma loja maçonica, emissarios de confiança para diversas terras do reino, a planejar com os officiaes de caçadores 7, 9 e 10,—este ultimo, que era de Aveiro, achava-se ento provisoriamente em Lamego—e com os officiaes de infantaria 6 e 8. Conta, ainda, que foi elle quem escreveu por seu proprio punho a maior parte das correspondencias, industriando os portadores escolhidos para os diversos destinos. Por este modo, escreve, entreteveo bom espirito d'aquelles corpos, intando aos seus respectivos officiaes a funesta sorte que os esperava, spor mais tempo permanecessem ense não opporem á marcha, que levavam as cousas nas mãos do governo miguelista. Conta, enfim, qufoi elle proprio, Soriano, quem conenceu em Coimbra José Estevão, ntão estudante, a tirar licença e a irrigir-se a Aveiro para vigiar os trabalhos da associação patriótica e aqui existia e prevenir os liberaes e Coimbra do estado d'esses trabalhos. Que José Estevão assim fez, rebendo Soriano d'elle uma carta, a madrugada de 15 para 16 de mai, participando-lhe que n'aquella noite se tinha resolvido em Avro acclamar o governo liberal e que esse movimento seria secundado pelo Porto, como foi, no dia immediato.

Foi pois Aveiro quem planeou, preparou, e, desdlogo, executou o primeiro movimento liberal do paiz depois da cigrada de D. Miguel a Lisboa. Estando o batalhão de caçadores 10 revoltado desde o dia 3 de maio, porque já n'esse dia elle enou em Aveiro a dar vivas á carti constitucional, o movimento surg em conjuncto no dia 16, faz dejs de amanhã 76 annos.

Isto com a esocativa da força e de todos os trores do despotismo.

Passados 76 mos, Aveiro consente que o Cha, o ultimo dos bandalhos, achin-lhe todas as semanas o espiritoliberal, e que o Papa-Sellos, o nis indecoroso ladrão, que só pel tremenda immoralidade d'estes tempos deixa de arrastar uma ggheta, se arvore em defensor da usa reaccionaria, e, como tal, se iponha a uma ci-

dade inteira, calcando-lhe as tradições, offendendo-lhe o sentimento e prejudicando-lhe os interesses.

Fique de pé o convento das Carmelitas, mas fique então, repetimos, como um monumento d'opprobrio, como um pelourinho de ignominia, mas de ignominia geral, attestando que os descendentes d'aquelles que n'uma pequena terra de provincia planearam e levaram ávante um grande movimento de insurreição nacional, arrostando a força e todas as tyrannias, não tem a energia banal de cortar as orelhas ao Papa-Sellos e de correr o Chiça a pontapés. Porque se o Papa-Sellos, porque se o Chiça podem merecer o desprezo de cada um quando são simples bandalhos, ou quando injuriam individualmente, só com ignominia nossa podem erguer impunemente a bandeira reaccionaria para chasquear os nossos principios e affrontar as nossas tradições. E aquelles que, sendo descendentes dos homens que por amor dos principios liberaes, por amor da verdade e do direito, arrostaram o poder terrivel de D. Miguel, aquelles que, não como acto de represalia individual mas como acto de justiça publica, não rasgam o farrapo que se arvora como estandarte, não arrambam as costellas aos audaciosos pandilhas que se proclamam porta-bandeiras, e não deitam o fogo aos papeluchos indecentes, ou aos antros onde elles se forjam, papeluchos repugnantes que são os portadores, não de principios mais ou menos condemnaveis, que então deveriam ser respeitados, mas de todas as infamias, de todas as mentiras, de todas as torpezas contra os principios oppostos, contra a honra e os interesses da terra, esses são verdadeiramente indignos, e o pelourinho que ficasse celebrando a traição e a infamia dos raymundos não menos ficaria celebrando a covardia e a indignidade d'aquelles que os supportam, sem um arranco de indignação ou um assomo de revolta.

Foram sempre as minorias intelligentes e honestas as que realizaram todas as revoluções, e obtiveram todas as conquistas no campo da moral ou da politica. Imaginam os aveirenses dos nossos dias que foi a cidade inteira que proclamou a revolução de 16 de maio de 1828, fazendo-a d'aqui irradiar para todo o paiz? Foram meia duzia de homens, arrastando atraz de si os pusillanimes, os timidos, os accommodaticios, os covardes. Assim, no caso presente, tão insignificante, e, ao mesmo tempo, tão ultrajante, bastaria uma attitudé energica, resoluta, de alguns individuos, que teriam, demais a mais, a certeza anticipada de não correr risco nenhum, para fazer recuar os miseraveis que acalentam a presumpção ultrajante de subordinarem á sua vaidade e aos seus interesses, a dignidade e os interesses d'esta terra infeliz.

Estamos aqui todos n'uma coacção aviltante. Agora é a comissão dos monumentos nacionaes que vae dispôr dos nossos destinos. Mas que sabe mais a comissão dos monumentos nacionaes do convento das Carmelitas do que nós sabemos? O que sabe mais? Pois para saber se ha obras d'arte no velho casarão é preciso frequentar a Academia das Bellas Artes, ou a ir á Paris, a Florença ou a Roma? Não basta ter olhos e vêr? Sabe mais do que nós essa cavalgadura que se chama Papa-Sellos? Essa besta? Pois o sr. Ramalho Ortigão limita-se, no fim de contas, a ser da opinião do Papa-Sellos! E a comissão dos monumentos nacionaes limita-se a ser da opinião do sr. Ramalho Ortigão!

Mais nada. Isto é, temos a mais e estylo do sr. Ramalho. Dizem-nos

que o sr. Ramalho diz coisas funambulescas no seu parecer, comparando Aveiro a Bruges e ás pyramides do Egypto. O estylo é a unica preocupação d'esses figurões que se adornam com o titulo pomposo de litteratos. Como o sr. Homem Christo diz, e demonstra, no livro Pro Patria, o estylo tem sido uma das grandes desgraças nacionaes e os estylistas uma verdadeira peste social. Mal imaginavamos nós que o sr. Ramalho o viria confirmar n'esta questão!

Aveiro comparada a Bruges e a outras cidades antigas é de primérrissima ordem!

Não abduquemos. Ergamos bem alto o nosso espirito. E' louvavel o respeito prestado a todos os homens que sabem. Mas uma coisa é respeito, outra coisa é estupidez ou servilismo. Os homens que sabem também se enganam, também abusam e também especulam. Ora o que nós devemos ter é intelligencia clara para distinguir o saber honesto da especulação, do abuso, da vaidade ou do erro.

N'esta questão do convento das Carmelitas, nós todos, aveirenses, que andamos n'isto com sinceridade, sob o ponto de vista artistico sabemos tanto como o sr. Ramalho Ortigão, em que pese á extrema vaidade d'este senhor, e como todos os membros da comissão dos monumentos nacionaes. A questão é facil. Não é preciso ir a Bruges ou ás pyramides do Egypto para apprender. Sob o ponto de vista artistico, pois, sabemos tanto como elles. E sob os outros pontos de vista sabemos muito mais do que elles. Sabemos que é o Grão Lama que quer dar um quinau no sr. governador civil e no sr. conde de Agueda. Sabemos que é o morgado do Carmo, que, já por espirito reaccionario, já por questões miserimas de mando local quer dar um bigode no sr. Gustavo. Sabemos que é o Papa-Sellos a fazer o jogo dos reaccionarios para lhe darem alguma coisa a comer. Sabemos que é toda a pleiade dos raymundos a tomar a divisa e a ostentar o espirito canalha do 4.º duque de Aveiro. Do 4.º, e do ultimo, e de todos, como nós demonstraremos. Porque — é singular — todos elles constituiram uma cafila de malandros!

A divisa dos raymundos é guerra a quem tem merito, guerra a quem trabalha. Guerra desenal, guerra infame, guerra de todos os processos, aproveitando os mais vis expedientes.

O que Raymundo de Lencastre, o canalha, não perdoava ao patriótico conde de Soure era o **achaque de zeloso do bem publico**. O que os filhos espurios d'esse canalha não perdoam ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto e a outros é, precisamente também, o **achaque de zeloso do bem publico**.

E' contra esse **achaque de zeloso do bem publico** se levanta tudo quanto ha de inutil, tudo quanto ha de pedante, desde o morgado do Carmo, o snob, desde o marechal de Liliput, o laçao, o engraxador que também já tem sala amarella e sala encarnada como nos paços do Raymundo, até aquillo que ha de mais safado, de mais ppiaba, de mais ignobil n'esta terra, isto é, até ao Papa-Sellos e ao Chiça.

A questão é essa. E' essa a grande questão. E' essa a questão capital. E' essa não a resolve a comissão dos monumentos nacionaes. Essa resolve-mo-la nós, nós os aveirenses que temos amor á liberdade, e que temos amor á nossa terra. E estamos a vêr que já a não resolvemos senão na rua.

Pois vamos para a rua. Não se dirá que os raymundos, os filhos espurios do 4.º duque de Aveiro, que d'elle herdaram toda a infamia, todo o espirito canalha, venceram os que conservam, veneram e tratam de perpetuar as tradições gloriosas, o nome honrado, o alto espirito de liberdade e justiça, de Joaquim José de Queiroz, do capitão João de Souza, do capitão Rebocho, de José Estevão Coelho de Magalhães e tantos outros.

Nunca! Para ignominia já basta que o Papa-Sellos não só passeie impune pelas ruas da cidade, como mantenha o seu emprego e por elle rece-

o seu ordenado. Já basta essa ignominia. Já basta essa ignominia, que v. ex.^a sr. governador civil, da não soube repellir. V. ex.^a, que é um homem de talento e que é um homem honesto, está vencido pelo Papa-Sellos. V. ex.^a ainda não foi capaz de fazer ali respeitar a justiça e a moralidade publica. Basta essa ignominia. Que o Papa-Sellos nos rença tambem a nós, que o Papa-Sellos ponha o pé no cachogo de todos os aveirenses, que o Papa-Sellos e o Chiça nos arremessem lama á cara, isso nunca. Nunca! Nunca!

Appellamos para todos os homens de coração, para todos os homens de brio, para todos os aveirenses que amam o direito, a liberdade e a terra em que nasceram. Appellamos, sobretudo, para essas corajosas e dignas classes operarias com as quaes vencido todas as questões de liberdade e a reacção que se debatiu n'esta terra.

Preparemo-nos, que está chegando o momento de intervir a sério. A's armas, ás armas contra a reacção!

Não é a commissão dos monumentos nacionaes que ha de resolver a pendencia. Havemos de ser nós. Allí, na rua!

Como resolvemos a questão das irmãs da caridade e como resolvemos a questão da Immaculada.

A's armas, ás armas contra a reacção!

Abaixo os raymundos!
Abaixo os raymundos!
Viva a liberdade!
Viva Aveiro!

TRANSCRIPÇÕES

O Nove de Julho, O Benaventense, O Herald e o Jornal d'Avrantes, e não sabemos se algum outro que nos houvesse passado despercebido, transcreveram o nosso artigo editorial do penultimo numero. Não tem Razão.

Aos collegas, e aos numerosos republicanos que de todos os pontos do paiz nos mandaram bilhetes e cartas felicitando-nos por esse artigo, os nossos agradecimentos.

O Benaventense, a proposito do livro Pro Patria do sr. capitão Homem Christo, presta a este nosso amigo uma rasgada homenagem de consideração e sympathia, que bem se vê ser dictada por um velho republicano e por um velho amigo.

Em nome do sr. Homem Christo, vivamente agradecemos.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

8 de maio.—Morre o marquez de Pombal, 1782.

Sebastião José de Carvalho e Mello foi o mais celebre estadista portuguez e um dos mais celebres do mundo. Os seus trabalhos de rehabilitação nacional, os seus serviços á liberdade e á civilização d'este paiz, deixarão o seu nome immortal na historia portugueza, e tanto mais querido quanto mais os seculos decorrerem.

Entre muitas das asneiras que nós ouvimos a cada instante avulta a de que o marquez de Pombal não serviu a liberdade por amor da liberdade, que odiava, mas por amor do absolutismo. Ainda n'outro dia o sr. Fuschini a reeditou no seio da commissão encarregada de levantar o monumento ao famoso estadista. Ora, para ser acreditado, a primeira coisa que o sr. Fuschini, e outros bandarras da sua cathedra, deveriam estabelecer, era a estupidez do marquez de Pombal. Sebastião José de Carvalho e Mello era um estúpido? Então, sim. D'outra forma, não.

Não queremos affirmar que o marquez de Pombal morresse de amores pela democracia. Mas o que é certo é que, morresse ou não morresse, elle só tinha um meio de fazer triumphar o seu plano de reformas: era impôr a auctoridade real á formidavel colligação dos fidalgos e dos jesuitas.

Em quem se havia de apoiar o marquez de Pombal? No povo contra o rei?

São verdadeiramente imbecis, estes luminares da nossa terra. O peor é serem acatados como sentenças todos os dislates que dizem. Todos curvam a cabeça e dizem amen. Por maior espirito liberal que o marquez possuísse era forçado a seguir o caminho que seguia. Ou, então, a querer tomar por outro esperando d'elle o successo seria simplesmente um parvo.

Na nossa opinião, o marquez de Pombal, embora auctoritario, previa

perfeitamente a emancipação dos espiritos n'um futuro mais ou menos proximo e trabalhou por ella valerosamente. Amigo dos encyclopedistas, assistindo á enorme corrente liberal que se estabelecia em França, vendo batidos em brecha n'aquelle paiz todos os preconceitos e todos os privilegios, não podia a intelligencia clara do marquez deixar de antever em Portugal, n'um futuro mais ou menos longinquo, o mesmo resultado. E não era sem duvida, tambem a sua intelligencia lucidissima llo deveria mostrar, annullando o poder dos fidalgos e dos jesuitas que elle retardava esse momento de redempção.

Conjuga-se com este modo de ver o esforço heroico que o grande estadista fez a favor da instrucção nacional, e, principalmente, da instrucção do povo. Se na instrucção superior reformou a Universidade e creou o Collegio dos Nobres, se na instrucção secundaria creou numerosas escolas que foram o germen dos nossos lycens, na instrucção primaria deu-nos a famosa lei de 6 de novembro de 1772, verdadeiramente admiravel. E foi este homem um inimigo da liberdade! E não teve outro objectivo senão fortalecer o poder real! Esmagava os fidalgos, esmagava os jesuitas, abolia a distincção entre christãos novos e christãos velhos, entre canarins e europeus, na India, supprimia a escravatura no continente, supprimia a censura ecclesiastica para a imprensa, dava extraordinario impulso á instrucção superior e á instrucção secundaria, creava em bases admiraveis a instrucção elemental, e só teve em vista este homem fortalecer o absolutismo em prejuizo das regalias populares. Assim o disse o estrambotico Fuschini ainda n'outro dia, assim o dizem dezenas de declamadores, e todos ficam de bocca tapada sem lhes responder!

De resto, faltar-nos-ia agora o espaço para expôr toda a obra grandiosa do marquez de Pombal, aliás bastante conhecida de todos nos seus pontos capitais.

9 de maio.—O conde de Villa Flôr desembarca na Ribeira do Nabo, na Ilha de S. Jorge. Combates de Lombo do Gato, Urselinas e Mundos, 1831.

10 de maio.—Occupação de Aveiro pelos constitucionaes, 1834. Morre Campanella, 1639.

Campanella, grande philosopho, inimigo das religiões, foi um dos grandes martyres do livre pensamento. Se não morreu na fogueira como Giordano Bruno, 27 annos esteve na cadeia, percorrendo 50 prisões, 15 vezes foi julgado e 7 vezes foi submettido á tortura mais cruel. Um auctor contemporaneo e auctorizado conta que Campanella sustentou de uma vez durante 35 horas seguidas uma tortura tão cruel que o sangue lhe rebentou por todas as partes do corpo, sem que lhe sahisse da bocca, todavia, uma palavra indigna d'um philosopho.

11 de maio.—Morre em Lisboa o grande cynico Rodrigo da Fonseca Magalhães, 1858.

12 de maio.—D. João VI auctorisa D. Miguel a sahir de Portugal, 1824.

13 de maio.—Morre Carnot, um dos grandes vultos da Revolução, o organisador da Victoria dos exercitos da Republica, 1803.

14 de maio.—E' assassinado Henrique IV, 1610.

Na manhã de 14 de maio de 1610 Ravailiac dirigiu-se á igreja de S. Severino, confessou-se ao jesuita d'Aubigny—a quem anteriormente confessara as visões que tivera, recebeu d'elle a communhão e ha até quem afiance—o que não era para admirar—que no acto d'esta o sacerdote abençoara o punhal, que horas depois devia atravessar o peito de Henrique de Navarra.

Pelas quatro horas da tarde, o rei saiu do paço, para ir inspecionar os trabalhos decorativos para a entrada da rainha, que na vespera tinha sido sagrada em S. Diniz. Passára um dia afflicto, tantos eram os prognosticos de morte que se succediam

de momento a momento. O proprio passeio fóra suggerido pela sua roda de cortezãos, na intenção de o distrairem.

Ravailiac, sentado n'uma pedra á porta do Louvre, vigiava todos os movimentos.

Henrique desceu e entrou para um coche de nova invenção, aberto por todos os lados, e do qual elle occupava o assento do fundo, tendo á sua direita o duque de E'pernou, e em frente o marquez de Mirabeau e Duplessis de Liaucourt. Nos dois vãos das portinholas, aonde então se accommodavam assentos, os marchaes de Lavardin e de Roquelaure, á direita, o duque de Montbayon e o marquez de la Force, á esquerda. O rei, a fim de estar mais livre, e menos observado, tinha dispensado os piquetes.

O coche havia chegado á rua de la Ferrounerie, e ali um embaraço de carroças obrigou-o a parar. Aproveitando-se da circumstancia, Ravailiac, que o tinha seguido desde que elle saíra do Louvre, aproximou-se, como quem quer ver o rei mais de perto. N'este momento, Henrique, que se inclinara para falar a Lavardin, dá repentinamente um grito abafado e cahe nos braços do duque de E'pernou, que no mesmo instante se vê coberto de sangue, que em golfadas sahe do peito e da bocca do rei. Ninguém vira o assassino, que tivera tempo de descarregar por duas vezes o punhal no peito da sua victima! O primeiro golpe resvalára de encontro a uma costella, mas o segundo foi direito ao coração, segundo Péréfixe e l'Estoile, e á veia cava, segundo Rigant e o Mercure Français, e matou Henrique quasi instantaneamente!

Vendo cair o rei, vendo-o banhado em sangue que saia a jorros, os fidalgos que o acompanhavam levantaram-se aterrados, gritando como loucos. Enquanto uns sustêm o ferido, outros saltam do coche, e gritam que prendam o assassino. Este, porém, nem sequer pensava em fugir. Commettido o crime, tinha ficado ao lado do coche, com o punhal ensanguentado na mão; portanto foi logo preso sem lucta, conduzido por ordem de E'pernou,—que se constituiu em governador do reino, como se já esperasse o tragico acontecimento,—primeiramente ao palacio de Retz e depois ao Louvre, enquanto não foi entregue ao grande preboste. O coche voltou para o paço levando o corpo inanimado do rei.

O assassinato de Henrique IV foi devido aos jesuitas, que successivamente attentaram contra a sua vida, por elle ter dado a liberdade de consciencia aos protestantes.

INFORMAÇÕES LOCAES

Emigração.—Pelo governo civil d'este districto durante o mez de fevereiro ultimo foram concedidos passaportes a 207 emigrantes, 183 varões e 24 fêmeas, destinando-se 172 aos Estados Unidos do Brazil, 4 America do Sul, 21 á America do Norte, 12 á Africa occidental e 1 á Europa.

Pertenciam 19 ao concelho de Agueda, 7 ao de Albergaria, 28 ao de Anadia, 9 ao d'Aronca, 12 ao de Aveiro, 2 ao de Castello de Paiva, 15 ao de Estarreja, 33 ao da Feira, 25 ao de Ilhavo, 1 ao de Mealhada, 15 ao de Oliveira d'Azemeis, 15 ao de Ovar, 25 ao de Sever do Vouga e 1 ao de Vagos.

Os raymundos.—Pegou a moda em Aveiro.

Quem quer vêr ahí um fulano dar o cascarrão de mil demonios é chamar-lhe Raymundo. Ninguém em Aveiro quer ser Raymundo, e no emtanto ha por ahí bastantes, não de nome, mas de alcunha.

Raymundos, legitimos representantes do perverso fidalgo que nós deixou a braços com o estrangeiro, por vêr a nossa autonomia periclitante, raymundos bandalhos, invejosos, nojentos, despreziveis, capazes de nos venderem por uma codea, d'esses raymundos vêem-se ahí, mas, felizmente, como se vê um cão damnado.

Só o que falta é dar-lhe para baixo como aquelle.

O convento das Carmellitas.—Acabam de ser aggregados á commissão que aqui ha-de vir dar o seu parecer sobre a demolição ou não demolição da parte do convento das Carmellitas, os srs. Julio Pinto Côte Portella, João Rodrigues Pinto Brandão, Saturnino Barros Leal e o architecto Adães Bermudes.

Estes cavalheiros vão, por certo, ficar abysmados com o momento que Papa-Sellos lhes mostrará e recomendará em Aveiro. Não só elles mas certamente o resto da commissão.

E s. ex.^{as} além de avaliarem de visu aquella decantada obra dos reaccionarios, terão tambem occasião de apreciar o espirito liberal dos aveirenses e a sympathia que lhes merece essa entidade que ahí vive para descredito de todos nós.

Por certo.

A' ULTIMA HORA

Depois de composto o que acima se lê soube-se, por telegrama recebido n'esta cidade, que o governo resolveu nomear uma nova commissão, onde vem cavalheiros competentissimos para decidir a questão. E' o que nos asseveraram.

A accusa da commissão dos Monumentos Nacionaes em vir a Aveiro dará margem a largos contos.

Vê-se bem o dedo que impera, ou desejo de imperar n'estas coisas, secundado ahí por dois ou tres raymundos sem criterio e sem vergonha, que só vivem para o retrocesso da terra e para envergonhar a população liberal e digna que a habita.

Mas tenham cuidado com o lume. Olhem que elle escaida; e o brazido, asoprado por as suas garotices, pôde tornar-se em formidavel centelha.

Tenham cuidado...

Um amigo nosso pede-nos para publicar a seguinte noticia:

AS FESTAS.—E' enorme a concorrencia de forasteiros que vieram assistir ás festas de Santa Joanna.

Os comboyos vêem cheios de povo. A custo se rompe pelas ruas principaes da cidade. Os hotéis e casas de pasto estão repletos.

Essa immensa massa de povo estende-se pela nossa formosa ria, admirando os seus encantos e a bella ornamentação que as duas margens ostentam. O embelezamento das ruas por onde deve passar o prestito é lindissimo.

Espera-se que amanhã, dia do certamen, a concorrencia seja ainda maior.

Hontem foi o primeiro dia de festejos. De manhã houve alvorada e de tarde corridas de bicycletas. A' noite illuminações e récita de gala pela esplendida companhia do «Theatro D. Amelia».

Hoje, domingo, exposição de diferentes edificios e templos, taes como: Lyceu, Escola Industrial

mal; Asylos; Collegio de Santa Joanna, tumulo, Igreja de S. Domingos; Ordem Terceira; Sé; Misericordia; Apresentação, Carmo, etc, etc.

Inauguração do novo club dos «Gallitos». N'esta occasião milhares de girandolas de fogo subirão ao ar, tocando algumas musicas o hymno do club dos «Gallitos».

Festa religiosa no templo de Santa Joanna. Musicas em diferentes pontos da cidade, em lindos coretos para este fim preparados.

A' tarde procissão que percorrerá as principaes ruas, acompanhada pelo regimento de infantaria 24 com toda a força disponivel e da sua excellente banda e um esquadrao de cavallaria.

A' noite serenata na ria, que se compõe de perto de duzentos executantes de ambos os sexos.

Illuminações geraes e fogos de artificio.

A' nossa formosa ria será illuminada a tijelinhas que produzirá um effeito deslumbrante.

Algumas musicas tocarão em diferentes pontos as melhores peças dos seus repertorios.

Segunda-feira, 15, grande certamen no jardim publico por algumas musicas do districto. A' noite illuminação e fogos de artificio.

E assim termina esta festa em que o club dos «Gallitos» tem o melhor quinhão, porque a elle se deve, sem duvida, a realisação das dietas, e com o que muito lucrou o commercio local.

Honra lhe seja. S.

A nossa carteira.—Está de luto pelo fallecimento de sua mãe, o sr. dr. José Alberto Barata do Amaral, juiz de direito em Vagos. Os nossos pezames.

—Assentou-se de Macedo de Cavalleiros, para Mirandella, o sr. dr. Abraham de Carvalho.

—Tem passado incommodado de saude, o sr. Manuel Authero Baptista Machado.

—Está doente o sr. dr. João Fejo Soares d'Azevedo, secretario geral do governo civil. Desejamos-lhe as melhoras.

—Esteve em Aveiro, o sr. dr. Eduardo de Moura, facultativo municipal d'Eixo.

—Fizeram annos o sr. José Maria Ferreira do Couto Brandão; o menino Joaquim, filho do sr. dr. Affonso de Mello Pinto Velozo, delegado do procurador régio em Vizeu.

—Tambem fez annos o filho do sr. dr. João Maria Simões Suecna.

—Da sua casa d'Alqueidão, Ilhavo, partiu para Lisboa, acompanhada de sua familia, o sr. Manuel Marques d'Almeida Basto.

—Esteve em Aveiro, quasi restabelecido do desastre que ultimamente soffreu, o sr. Manuel Maria Amador.

—Da sua quinta do Silveiro, regressou a esta cidade, a sr.^a D. Rosa Ferreira Pinto Basto.

—Continúa doente o sr. Thomaz Vicente Ferreira. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

—Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compreae a bicyclete—«A OSMOND»

Camara Municipal

DE

AVEIRO

Construcção do novo edificio para o «Asylo-Escola Districtal»

POR deliberação da Camara da minha presidencia, se faz publico que no dia 18 do proximo mez de maio, pelas 12 horas da manhã, e na secretaria do municipio, se ha de proceder á arrematação da empreitada geral da construcção do novo edificio destinado á installação das duas secções do «Asylo-Escola-Districtal», hoje sob a administração d'esta camara, segundo o projecto superiormente approved e nas condições constantes do respectivo caderno d'encargos, o qual estará patente na mesma secretaria todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

A base de licitação é de 24:000\$000 réis, e o deposito provisorio para ser admittido á licitação é de 5 p. c. d'esta importancia.

Aveiro e secretaria da Camara municipal, em 27 de Abril de 1905.

O PRESIDENTE DA CAMARA,

Gustavo Ferreira Pinto Basto.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

<i>Primeira parte</i> — Cartilha Maternal ou Arte de Leitura —16. ^a ed., cart. 300 réis, broch.	200
Album , ou livro contendo as lições da <i>Cartilha Maternal</i> em ponto grande	5\$000
Quadros Parietaes , ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.	6\$000
<i>Segunda parte</i> — Os Deveres dos Filhos —16. ^a ed., cart., 300 réis, broch.	200
Guia prático e theorico da Cartilha Maternal —1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.	160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado 500
A Cartilha Maternal e a Crítica 500

Do mesmo auctor :

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (4 Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripta.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

A VEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas secas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS

Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encomenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.^a

LISBOA

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ÁRCOS

A VEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 1\$600 a 3\$600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; vellas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.^o



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinna, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM)

CASA

PRECISA-SE comprar uma casa em bom estado de conservação e com bastante quintal. Prefere-se do Largo da Vera-Cruz até á linha de ferro.

Quem tiver e quizer vender, dirigir carta ao Hotel Central com o preço e as condições—L. G.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

EMPREZA CERAMICA

DA

FORTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

A VEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 a 45—AVEIRO